

EDUCAÇÃO SEXUAL E PRÁTICA EDUCATIVA COTIDIANA

LISIS FERNANDES BRITO DE OLIVEIRA

Doutora pelo Curso de Educação da Universidade Federal Fluminense – UFF. E-mail: lisisfernandes@id.uff.br.

RESUMO

Este texto tem como fim evidenciar a importância da discussão do tema – sexualidade – na escola. Após uma experiência etnográfica em uma escola estadual de formação de professores no município de Niterói, Rio de Janeiro, observou-se que o fato de ocorrerem debates sistematizados sobre a temática nas aulas da professora de Sociologia, única educadora que se propôs a explorar a questão, contribuiu para o autoconhecimento, a autoestima e a confiança de educandas que não se percebiam heterossexuais. As discussões não apenas provocaram autoaceitação, como revelado pelas próprias educandas, como também destacaram o mérito de, no futuro, como educadoras, promoverem em suas aulas a abordagem sistematizada da matéria. A metodologia eleita para a elaboração do estudo foi de caráter qualitativo, e foram realizadas observações participantes e etnografia na escola supracitada. Entendeu-se que a educadora de Sociologia, ao beneficiar a reflexão sobre as questões da sexualidade, contribuiu para a vivência das sexualidades de forma mais saudável e prazerosa, para a diminuição da violência de gênero, além de tornar as educandas entrevistadas, posteriores educadoras, ainda mais conscientes sobre a relevância da abordagem do tema em suas futuras práticas educativas.

Palavras-chave: Sexualidade, Educação, Etnografia, Educação sexual.

INTRODUÇÃO

O presente texto tem como objetivo destacar a relevância da abordagem, mesmo que de forma não sistematizada, do tema transversal sexualidade. Para isso, compartilham-se os resultados de um estudo etnográfico feito em uma escola estadual no município de Niterói, Rio de Janeiro, reconhecida por possuir uma educadora que, na época, priorizava as discussões de temas relacionados à sexualidade em suas aulas e, com isso, favorecia a desconstrução de paradigmas de gênero e estereótipos a respeito das sexualidades, além de tornar o ambiente escolar um espaço caracterizado pelas educandas que não se percebiam heterossexual como afetivo e acolhedor.

Optou-se por evidenciar a experiência de campo realizada na escola e as entrevistas feitas com as educandas mencionadas anteriormente sobre as temáticas relativas à sexualidade.

Os dados obtidos foram analisados através das leituras de autores referendados sobre o conceito da educação sexual na escola, e pôde-se verificar que na escola supracitada, em especial, as aulas de Sociologia provocaram nos alunos a curiosidade e a sensibilidade de compreender o outro a partir do próprio outro, sem juízo de valor e pré-noções pautados em estereótipos de gênero compartilhados pela maioria da sociedade.

Entretanto, também pôde-se constatar, com base nas entrevistas, o grande silêncio e a falta de informações relevantes das famílias quando o assunto versa sobre sexualidade, o que resulta em vivências familiares solitárias e dolorosas para a maioria das entrevistadas.

METODOLOGIA

A escola em questão: descrição do campo

A primeira visita feita à escola foi no início do ano de 2017, mais especificamente nos primeiros dias do mês de fevereiro. Após breve diálogo, a pesquisadora foi aconselhada a procurar a professora de Sociologia, pois esta era a docente que, segundo a direção, tratava das questões referentes à temática sexualidade.

Alguns dias depois, a pesquisadora retornou à escola e procurou a docente de Sociologia que, assim como a diretora, a inspetora e a profissional

da portaria, primeiras pessoas com as quais ela teve contato, foi muito solícita à pesquisa.

A pesquisadora explicou a intenção do trabalho de campo para a professora de Sociologia, o qual se caracterizava por: realização de observações e de entrevistas com educandas do curso de formação de professores que apresentassem uma performatividade de gênero que fugisse ao padrão heteronormativo.

A pesquisadora se propôs a permanecer no pátio da escola, nos intervalos das aulas, nos quais ocorriam, de forma mais explícita, as interações afetivo-sexuais entre as educandas, para realizar as observações e entrevistas. A professora encorajou-a, e disse que o pátio seria um bom local para dar início à pesquisa.

A pesquisa desenvolveu-se por mais ou menos dois meses, período em que a pesquisadora permaneceu, majoritariamente, no local determinado, observando e entrevistando as alunas das turmas de formação de professores.

Um ponto que se destacou também, durante as observações, foi a sensação de liberdade sentida pela pesquisadora e mencionada por todas as entrevistadas.

Acredita-se que o fato de não notarem, com frequência, como na maioria dos espaços de sociabilidade, olhares de reprovações dos sujeitos que constituem aquele local, as interações tenham ocorrido com mais fluidez.

A escola como um todo acolhe e respeita as diferenças em todos os sentidos. Contrarreações às variadas orientações sexuais e de gênero acontecem, inclusive até em forma de pichação, mas são em menor quantidade quando comparadas às nas escolas que silenciam a diversidade.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

As entrevistas por temas

As falas das entrevistadas foram organizadas por assuntos correspondentes às perguntas do roteiro da entrevista utilizado pela pesquisadora. Os tópicos que serão abordados neste artigo, em específico, são:

- escola e sexualidade;
- família e sexualidade;
- escola e diferentes performatividades afetivo-sexuais;
- a futura educadora e as questões da sexualidade.

Faz-se oportuno destacar que se optou por utilizar a primeira letra do nome das entrevistadas para resguardar o sigilo de suas identidades.

A seguir, estão as falas das entrevistadas, dispostas de modo ordenado, conforme os temas destacados anteriormente. O primeiro assunto refere-se **à escola e às questões da sexualidade**. Percebeu-se, por meio das narrativas, que as questões da sexualidade são discutidas neste contexto escolar, mesmo que de forma não sistematizada e apenas pela professora de Sociologia.

Teve a ocupação (da escola) e aí eu descobri que tinha muitas meninas lésbicas também, nas aulas de sociologia, a professora de sociologia fazia parte da ocupação e nessas atividades sempre vinham pessoas ligadas à faculdade e explicavam à gente sobre isso, sobre sexualidade e aí eu fui começando a entender, a me reconhecer. (Entrevistada L1)

Olha, aqui na escola já houve palestras, até com os professores mais críticos de sociologia, das humanidades que conversam bastante. [...] (Entrevistada L2)

Assim que eu entrei nessa escola eu me senti muito à vontade porque você vê que é um colégio que tem bastante representatividade, a diretora pelo menos eu achei maravilhosa, porque uma vez eu tava ouvindo um discurso dela e ela tava defendendo o direito do nome social pras mulheres e os meninos transexuais, e aí eu achei maravilhoso, porque eu nunca tinha escutado uma pessoa de autoridade falando assim, entendeu? (Entrevistada Y)

Aqui ensinou... bom é que por mais que assim, tenham algumas resistências de algumas partes, aqui pelo menos a gente aprende que a gente é livre pra ser o que a gente quiser... e a maioria das pessoas aqui, seja funcionário, professor ou aluno mesmo, eles acabam abraçando a gente, entendeu? (Entrevistada A)

Ao contemplar as respostas, nota-se a grande importância das aulas de Sociologia para a promoção dos diálogos sobre sexualidade, contudo, entende-se que as abordagens deveriam ocorrer nas diversas disciplinas do currículo, o que possibilitaria ainda mais conhecimento e reflexões sobre a temática.

A respeito do tema **família e sexualidade**, as entrevistadas relataram ausência de diálogo sobre o assunto e muito preconceito em torno das orientações sexuais que fogem ao padrão heterossexual.

Não ensinou, tem tabu, né? É assim mesmo. A minha mãe ela sabe porque eu contei para ela um ano atrás e ela aceitou de boa. Ela não tem que aceitar, né? Porque não é um presente que você vai lá e entrega para a pessoa. (Entrevistada L1)

Nada, a minha família é supercontra, mas assim eu não me deixei levar por conta disso, a minha mãe é supercontra isso, não aceita. (Entrevistada L2)

Com piadinhas. Piadinha do tipo: ah eu vou pegar Aids! (Entrevistada Y)

Não, a gente não fala muito sobre isso... porque apesar de assim de eles não me excluïrem não ter aquela coisa né que a maioria passa de ah... ser mandado embora, tipo, mas eles também não falam sobre isso porque a minha família é cristã, então tipo assim eles “acreditam” que eu vou ser curada ou que eu vou ser liberta, então a gente não fala muito sobre isso assim pra poder ficar um assunto mais dividido entre a gente, entendeu? (Entrevistada A)

A rejeição da família em tratar sobre o tema – sexualidade – ou, quando ele surge no ambiente, caracteriza-se por insultos, discriminações e referências as infecções sexualmente transmissíveis, inviabilizando a percepção do contexto familiar como espaço de reconhecimento e acolhimento as diferenças.

Desta forma, compreende-se como solitária a vida em família das jovens que não se percebem hétero. Piadas, tabu, HIV, doenças, são algumas palavras que sintetizam a abordagem neste contexto.

Sendo assim, fica a dúvida: depender de um único professor para o debate e suporte das jovens que não se percebem hétero é suficiente? Essa falta de diálogo e acolhimento pela família e demais docentes não seria, de fato, a causa do rechaço social e dos sofrimentos vivenciados pela maioria dos jovens?

Todas as entrevistadas acreditam que a escola favorece a interação com diferentes sexos e gêneros, pois têm na experiência escolar a oportunidade de se relacionar com diversas pessoas e podem agir sem opressão da família.

Sobre o tema **escola e diferentes performatividades afetivo-sexuais**, todas as entrevistadas afirmaram estar à vontade de ser, sentir e agir afetiva e sexualmente com pessoas do mesmo sexo dentro da escola.

Sim, aqui eu fico mais tranquila, mais livre. É porque a gente aqui a gente não tem com que se preocupar direito, aqui todo mundo é todo mundo não tem aquela apontação de dedo, aquele olhar feio, aqui todo mundo se diverte, brinca,

gosta de todo mundo. A gente entra aqui e se transforma. (Entrevistada L1)

Aqui que começou a desenvolver o que já tinha dentro, eu já me sentia assim, já tinha desejos sexuais e tudo mais, mas fui me descobrir aqui dentro desta escola. Porque aqui eu vivi muitas coisas, eu vi muitas coisas, eu aprendi a me amar como é que eu era então eu deixei de ter medo do que as pessoas iam achar, do sentido da sociedade, daquela coisa de ser certinho homem e mulher é certo e mulher com mulher é errado, deixei isso pra trás e fui ver o que realmente fazia bem pra mim, aqui dentro. Porque aqui é uma formação de professora, né? (Entrevistada L2)

Porque aqui eu sempre me senti livre... sempre! Mesmo antes de estudar aqui, mesmo antes de fazer parte da escola, eu já vinha aqui, já frequentava e aqui eu me sentia livre, porque assim, pelas escolas que eu passei, era bem diferente assim, tinha muita gente assim que ficava questionando, perguntando aí ficava com aquela coisa assim... (Entrevistada A)

Segundo as entrevistadas, a experiência nesta escola na qual a pesquisa foi realizada permite a vivência plena de suas sexualidades, pois não se percebem seres abjetos. As educandas narram ter entendido, após as aulas de Sociologia, que aquele espaço é de todos, onde pode-se expressar afetos e desejos diferentes do padrão heteronormativo.

Segundo as jovens, elas só se sentem dessa forma na escola, porque nos demais espaços de sociabilidade captam nos olhares e em algumas ações a hostilidade e a rejeição às suas formas de ser.

No que diz respeito ao tema **a futura educadora e as questões da sexualidade**, todas as entrevistadas narraram que irão abordar os assuntos relacionados à sexualidade em suas futuras práticas educativas cotidianas.

Eu faço isso em casa, no mínimo, com os meus irmãos, eu tento explicar e tal porque a criança, geralmente menino, qualquer coisinha eles vão e usam o termo bichina ou seu viado como xingamento e não é um xingamento aí eu começo a partir daí, sabe? (Entrevistada L1)

Então, e como a gente vai trabalhar com o Ensino Fundamental, Ensino Infantil eu acho que... eu tenho vontade de trabalhar com teatro, com as crianças, que é uma aula mais diversa, sabe? Fazendo uma crítica aos padrões. (Entrevistada AC)

Da mesma forma que é abordado comigo né... em aulas, conversando sobre...

mostrando pros alunos que o respeito é o ponto principal disso tudo e que essas pessoas existem, que elas não são invisíveis, acho que basicamente isso. (Entrevistada A)

Eu pretendo... como dizer dinâmica... com as dinâmicas, porque nas escolas a gente pega muito, também, filhos de homossexuais e chega muita pergunta: “tia por que eu tenho dois pais? Por que eu tenho duas mães? (Entrevistada L2)

Como temas transversais, como a gente estava dizendo, oficinas. (Entrevistado N)

Todas as educandas disseram que irão discutir as questões da sexualidade como educadoras em suas aulas, por meio de oficinas, teatros, dinâmicas, realizando uma crítica aos padrões, conversando, entre outras abordagens.

Elas também alegaram que falar sobre a temática é importante para a não perpetuação do preconceito, pois, da mesma forma que é construído, pode ser desconstruído.

Entretanto, percebe-se que até a forma como disseram que irão abordar o tema não se caracteriza por aulas sistematizadas, que deveriam estar previstas no currículo formal da escola. Pode-se entender que isto se deve ao fato de não experienciarem, como educandas, um debate formal sobre as questões relacionadas à sexualidade.

Rejeição à discussão

Verifica-se, ainda hoje, resistência na maioria das escolas e famílias a respeito do objeto deste trabalho. Este embaraço é sentido, de forma mais explícita, nas relações tecidas no cotidiano, nos diferentes espaços de sociabilidade, pois são neles, por meio das interações e vivências interpessoais, que as jovens constroem as suas representações sobre as questões da sexualidade.

Ao falar de educação sexual, optou-se por entendê-la como:

... considero Educação Sexual como sendo “toda” ação ensino-aprendizagem sobre a sexualidade humana, seja ao nível de conhecimento de informações básicas, seja ao nível de conhecimento e/ou discussões e reflexões sobre valores, normas, sentimentos, emoções e atitudes relacionadas à vida sexual. (FIGUEIRÓ, 2001, p. 17).

Como já mencionado na primeira parte deste texto, acredita-se que existem dois tipos de educação sexual, conforme Werebe (1981, p. 106):

... a educação sexual informal, processo global, não intencional, que engloba toda a ação exercida sobre o indivíduo, no seu cotidiano, desde o nascimento, com repercussão direta ou indireta sobre sua vida sexual;

... a educação sexual formal, deliberada, institucionalizada, feita dentro ou fora da escola.

Deste modo, para que ocorra o processo de educação sexual, é preciso que, em um primeiro momento, haja disposição para rever concepções, valores, atitudes relacionadas aos inúmeros aspectos da sexualidade, do sexo e da orientação sexual.

... um trabalho de “reeducação sexual”, no sentido de que educar sexualmente significa levar em conta e ajudar a reconstruir todas as informações e formações, atentando principalmente para as distorcidas e as negativas, que o indivíduo já recebeu e vem recebendo na vida, seja na escola, na família ou na sociedade de maneira geral. (FIGUEIRÓ, 2009, p. 65)

Assim, verifica-se que deve haver, primeiro, um desejo do educador em reeducar-se sexualmente mediante uma ação reflexiva sobre suas concepções a respeito de todos os pontos relativos ao sexo, ao corpo, ao gênero, à sexualidade, dentre outros temas convergentes.

O educador deve fazer uma análise crítica sobre às fundamentações que constituíram, ao longo de sua vida, seus valores, suas percepções sobre sexualidade, que o levaram ou não a reagir de forma preconceituosa e/ou intolerante às diferentes orientações sexuais e às situações que envolvem alunos com orientações homo ou bissexuais.

Após esse profundo processo de autorreflexão no tocante às questões da sexualidade e, principalmente, com relação à busca de novas informações sobre o tema, o educador sexual poderá se dedicar ao trabalho de auxílio na reeducação sexual dos educandos.

Geralmente, quando participam de cursos ou “treinamento”, os professores mostram-se ávidos por conhecer estratégias de ensino da sexualidade diversificadas e que sejam funcionais e motivadoras; isso é importante, porém, não deve ser o ponto de partida do processo de prepara-se para essa

modalidade de ensino. A visão que tem da Educação Sexual é apenas da sistemática, deliberada, portanto, formal. Falta-lhes conhecimento de que todos os profissionais da escola atuam de maneira informal, quer queiram, quer não, na educação para a vida sexual dos alunos. (FIGUEIRÓ, 2009, p. 65)

Faz-se relevante levar em consideração que a educação sexual acontece não só de maneira sistematizada, planejada, formalizada; ela também é consequência do modo como são desenvolvidas as atividades administrativas e didático-pedagógicas no espaço escolar.

A escola influi sobre os alunos, em matéria de Educação Sexual, pela sua organização, pela sua distribuição dos alunos, pelas atividades que lhes proporciona e, sobretudo, pelos modelos humanos que lhes oferece. (WEREBE, 1981, p. 107)

Outro ponto a ser salientado é a ausência de discussões sistematizadas no ambiente escolar. A falta de informações e diálogos sobre a temática é uma forma de educar sexualmente ainda não reconhecida ou até mesmo não percebida por muitos educadores.

O não falar de sexo, seja em casa ou na escola, leva o educando a considerar que este é um assunto que não se deve comentar, possivelmente, por vergonha. Leva-o a entender que sexo é uma questão misteriosa e não aceita com naturalidade, enfim, que é “coisa feia”. (FIGUEIRÓ, 2009, p. 66)

Ao tratar do tema educação sexual, não se pode desconsiderar que um dos seus tipos, denominado Educação Sexual Informal, que se caracteriza pela ausência de discussão sobre o assunto, e, frequentemente, é encontrada, vivenciada e até mesmo praticada no cotidiano escolar pelos diversos atores que constituem esse cenário.

Faz-se necessário considerar, ainda, a Educação Sexual informal que se processa também na relação aluno/aluno. Guimarães (1995) afirma que é na “... ‘história subterrânea’ da escola que floresce a Educação Sexual ...”, pois “os jovens discutem e aprendem sobre sexo numa espécie de sub-mundo escolar, o “mundo proibido”, porque é lá que está o grupo de pares e o amigo íntimo”. Apesar de essa verdade ser apontada por outros estudiosos, faltam pesquisas que a apreendam de forma objetiva e ampla, ou seja: que busquem

como vem ocorrendo, de fato, a Educação Sexual informal na relação aluno/aluno. (FIGUEIRÓ, 2009, p. 67)

Muitos educadores e pais geralmente desconhecem a presença da Educação Sexual Informal nos ambientes escolar e familiar. No entanto, faz-se imprescindível conhecê-la e reconhecê-la, pois ela influencia de forma direta as ideias e os comportamentos afetivo-sexuais das educandas e filhas.

Preparar o aluno para atuar como mediador eficiente da sua Educação Sexual informal (como também da formal) é uma proposta que coaduna com a concepção de aprendizagem e desenvolvimento socioconstrutivista, estabelecida por Vygotsky (1991), na qual o indivíduo que aprende participa de todo o processo, como um sujeito ativo. Assim sendo, a aprendizagem que impulsiona o desenvolvimento, é construída pelo sujeito nas interações com as outras pessoas no contexto sócio-histórico-cultural, recebendo influência deste, ao mesmo tempo que o transforma, pois este é mutável e dinâmico. (FIGUEIRÓ, 2009, p. 68)

Educar sexualmente o(a) aluno(a) ou o(a) filho(a), seja de maneira formal ou informal, é uma ação de grande responsabilidade, pois ele ou ela passará a se posicionar no cotidiano da prática afetiva e/ou sexual utilizando-se das informações apreendidas e assimiladas no processo ensino-aprendizagem de caráter formal ou informal.

Indicações/diretrizes oficiais para a Educação Sexual

No Brasil, a implementação da orientação sexual nos currículos escolares foi marcada por avanços e recuos; ela foi introduzida em 1920, na escola, com características médico-higienista, com o propósito de orientar os jovens para coibir a prática da masturbação e as doenças venéreas, tendo também o objetivo de orientar as meninas para o papel de esposa e mãe. (FIGUEIRÓ, 2009, p. 177)

No Brasil da década de 1950, a inclusão da temática da orientação sexual no currículo escolar ainda não havia acontecido. Ocorreu, nesse período, uma lacuna com relação às discussões que o tema suscita por conta da moral cristã, ou seja, da influência da Igreja Católica no processo educativo dos jovens.

Observam-se, mesmo nos dias atuais, os resquícios dessa ausência de discussão no cotidiano da prática educativa e, principalmente, no espaço familiar.

No período da década de 1960, “... colégios cariocas e paulistas, particulares e públicos, resgataram a lei e introduziram a orientação sexual nos seus currículos. Em algumas escolas o final foi drástico, culminando com a exoneração de diretores, professores e expulsão de alunos” (FIGUEIRO, 2009, p. 178).

Já em 1975,

...cessada a fase crítica de repressão no país, reaparecem as discussões ressaltando a importância desse tema nos currículos escolares. As escolas incluíram palestras, encontros e debates sob a responsabilidade de médicos, psicólogos ou através dos conteúdos relativos à reprodução humana nas disciplinas de ciências e biologia. Em 1989, o secretário de Educação de São Paulo, professor Paulo Freire, decidiu implantar a orientação sexual nas escolas. Em 1995, o MEC coordenou a elaboração dos PCN para o ensino fundamental, e incluiu como tema transversal a Orientação Sexual na escola. (FIGUEIRO, 2009, p. 178)

Abordar a orientação sexual como tema transversal a ser trabalhado pelos diversos educadores das diferentes áreas do conhecimento é, mesmo atualmente, motivo de muita discussão. Verificam-se, a partir de observações no espaço escolar e de vários estudos relativos à questão, muitos entraves para que o assunto, de fato, seja incluído no cotidiano da sala de aula.

A precária formação desses profissionais para a abordagem e o desenvolvimento do tema aparece como uma questão desfavorável ao processo de inclusão. No entanto, não se acredita ser este fato o único obstáculo para o início do debate sobre a matéria.

Acredita-se, também, que a falta de formações continuadas, para os profissionais que atuam na área da Educação, com o objetivo de promover, de maneira atualizada e sistematizada, este tipo de discussão no espaço escolar, pode ser um elemento contrário ao desenvolvimento do trabalho de educação sexual.

A inserção no ensino básico do tema transversal – orientação sexual na escola – constitui-se num avanço significativo na educação dos indivíduos do atual contexto. No entanto, esta trouxe um desafio de trabalhar o tema na escola, despidos de mitos e tabus. A reflexão, pelos educadores e demais profissionais é de fundamental importância para que estes não fiquem próximos das orientações passadas com enfoques distintos e não aplicáveis ao contexto atual. Seria recomendável que os envolvidos no planejamento das

atividades ficassem atentos para não incorrer nos mesmos erros de períodos anteriores... (FIGUEIRÓ, 2009, p. 178-9).

Ao tratar a proposição da sexualidade na escola, o educador deve levar em consideração as questões de ordem sociocultural, política e econômica dos educandos, devendo assim romper com a perspectiva biologizante na abordagem dos temas sobre a sexualidade.

As emoções e a busca do prazer por meio do afeto e dos sentimentos também são aspectos fundamentais a serem colocados pelo educador no momento em que for tratar sobre o assunto.

Trabalhar o tema da orientação sexual na escola ainda é um ponto muito rejeitado pela maioria dos educadores sexuais, pois é preciso romper com o vício da disciplinarização do conhecimento, trabalhar as influências de ordem midiática que não estão comprometidas de forma integral com o embasamento científico atualizado, os diversos valores religiosos, familiares, culturais, enfim, é preciso transformar as didáticas conservadoras e as pré-noções desfavoráveis à construção desse diálogo.

Segundo Figueiró (2009), o trabalho de orientação sexual na escola visa “proporcionar aos estudantes a possibilidade do exercício de sua sexualidade de forma responsável e prazerosa” (FIGUEIRÓ, 2009, p. 180).

A discussão sobre a orientação sexual requer, do educador, adequações necessárias às diversas turmas nas quais atua e às diferentes faixas etárias de seus educandos.

Aos professores das diferentes séries e disciplinas fica o desafio de encontrar a melhor maneira de trabalhar o tema de forma segura e saudável, sem impor ou omitir informações atualizadas e de interesse dos estudantes, incluindo crenças, mitos, tabus, preconceitos. (FIGUEIRÓ, 2009, p. 180)

Percebe-se, a partir da maioria dos estudos sobre educação sexual nas escolas e da própria observação realizada na escola onde se desenvolveu este estudo, que alguns educadores ainda não têm consciência de seu papel no que tange às orientações afetiva e sexual, independente de ser a atuação de caráter formal ou informal.

O fato é que a discussão sobre esta temática ainda não se faz presente no planejamento pedagógico de grande parte das diferentes disciplinas.

O educador/professor necessita acolher seus estudantes, motivá-los a perguntar, tirar dúvidas, anseios. Necessita, também, desprender-se dos valores e experiências particulares,

organizar os conhecimentos sobre sexualidade para auxiliar o jovem estudante que busca, incessantemente, viver suas emoções, experiências e amor. (FIGUEIRÓ, 2009, p. 181)

Ao abordar as questões da sexualidade, é preciso considerar o repertório sociocultural e político prévio do aluno; há toda uma infraestrutura de valores culturais, familiares, religiosos, políticos que influenciou na construção da subjetividade.

Num programa de orientação sexual é desejável que não apenas a escola se responsabilize em abordar questões da área, mas que se estabeleça um trabalho de parceria entre pais e professores para, efetivamente, ocorrer uma orientação sexual de jovens do contexto contemporâneo, levando em consideração a realidade do indivíduo, desenvolvendo suas percepções e sensações, orientando-o para comparar e analisar sua realidade e refletir sobre ela. (FIGUEIRO, 2009, p. 183)

Tornar o educador de ciências o único responsável pelo debate sobre o tema, em aulas específicas e eventuais sobre o corpo humano, não responde aos anseios, às dúvidas, que a maioria dos educandos possui com relação à própria sexualidade e ao seu corpo.

Precisamos eliminar as estratégias que algumas escolas utilizam para o desenvolvimento do assunto ou passam a atividade ao professor de ciências e biologia ou convidam algum profissional (enfermeiro, médico) para conversar com os alunos. Essas atividades são muito pontuais, não chegam a responder tantas outras questões não abordadas pelo especialista. Consequentemente, os alunos continuam as suas experiências rumo a compreender melhor a sua sexualidade. Muitas das crenças adquiridas em função da mídia se transferem como verdades. Os estudantes passam a viver experiências de descobertas, sem orientações sexuais, e infelizmente chegam a repostas nem sempre desejáveis. (FIGUEIRÓ, 2009, p. 186)

Sabe-se que a instituição escolar provê seus educandos com veículos de desinformação e comunicação muito eficientes e rápidos na transmissão de informações muitas vezes equivocadas e distorcidas, como a internet e a televisão.

Assim, é preciso desenvolver um trabalho mútuo entre a família e a escola, com o objetivo de amenizar o impacto das informações que chegam aos jovens sem qualquer compromisso científico, moral e ético.

A abordagem das questões sobre sexualidade deve levar em conta as diferentes orientações sexuais dos jovens e o reconhecimento de outras práticas sexuais que não sejam as de caráter heterossexual.

A contextualização do tema orientação sexual, quando bem-trabalhada no ensino, pode permitir o estabelecimento de pontes entre o cotidiano do estudante e o conhecimento escolar e servir como uma estratégia para retirar o estudante da condição de espectador passivo. Assim, o desenvolvimento de atividades sobre o tema da orientação sexual necessita promover uma aprendizagem significativa que mobilize as habilidades, competências e atitudes dos estudantes. Neste caso, relacionados ao seu bem-estar ambiental, físico, psíquico e social. (FIGUEIRÓ, 2009, p. 186)

O ensino da educação sexual deve considerar o repertório sociocultural e moral do educando, de forma a contextualizar o ensino a partir da realidade efetiva do aluno e de suas práticas referentes à sexualidade.

Iniciar esse processo de educação sexual preocupando-se com o fato de existirem alunos com diferentes orientações sexuais já é um grande passo ao favorecimento do diálogo sobre as temáticas da sexualidade.

Entretanto, com as mudanças na Base Nacional Comum Curricular do Ensino Fundamental, os debates sobre sexualidade, orientação sexual e gênero ficarão circunscritas a um debate pontual sobre ISTs e gravidez indesejada a ser promovido pela disciplina de Ciências no oitavo ano do Ensino Fundamental.

Entende-se que esta mudança realizada pelo MEC desfavorece o reconhecimento da diversidade sexual e das diferentes identificações de gênero, além de desencorajar o diálogo sobre as questões da sexualidade e o processo de (auto)reconhecimento de outras orientações sexuais que subvertem as normas heterossexuais.

Formação docente e sexualidade

O processo ensino-aprendizagem deve garantir ao educando, além do seu desenvolvimento cognitivo, o desenvolvimento de suas emoções e de seus afetos. Assim, é preciso, em primeiro lugar, dialogar com o educador

sobre os seus pensamentos e sentimentos a respeito das questões da sexualidade, da afetividade.

Deve-se pontuar para o educador, por exemplo:

Como foi a minha educação sexual, em casa, na escola...?

Conseguir construir uma visão positiva da sexualidade, do corpo e do sexo? Tenho sido capaz, quando necessário, de mudar minha forma de ver e de pensar?

Qual a visão que trago hoje sobre a sexualidade?

Que importância dou à sexualidade na vida das pessoas, em especial, na vida da criança e do adolescente?

Do ponto de vista da afetividade, é válido, também, questionar-se:

Sou uma pessoa que vivencia e desenvolve a afetividade?

O que posso fazer para ajudar meus alunos a serem pessoas afetuosas?

(FIGUEIRÓ, 2009, p. 188)

Parte-se do pressuposto de que todos, por meio de alguma atitude, de algumas formas de interação com o outro e com a temática da sexualidade, se tornam educadores sexuais, mesmo quando expressam o que pensam e o que sentem a respeito do tema de forma indireta e “inconsciente”.

...com nosso jeito de ser e nossas atitudes estamos ajudando (ou prejudicando) as crianças e os adolescentes que nos rodeiam a construírem seus valores, seu posicionamento pessoal e seus sentimentos acerca da sexualidade. (FIGUEIRÓ, 2009, p. 189)

Cabe ao educador, dentre outras ações, planejar atividades educativas que favoreçam o desenvolvimento intelectual, mas também o desenvolvimento emocional do educando. Evitar falar sobre sentimentos, na sala de aula, não é a forma mais adequada de educar sexual e afetivamente.

Ao falar sobre afetividade, acredita-se que esta:

...por sua vez, diz respeito a um processo de interação com outra pessoa, onde ocorrem trocas positivas, demonstração de bem querer e valorização de si e do outro, de forma incondicional. Trata-se de uma interação mutuamente prazerosa e geradora de bem-estar. Tendo como base a comunicação verbal e/ou não verbal, pode envolver uma variedade de manifestações que vão desde simples toques, gestos amáveis e olhares afetuosos, até o contato físico, como abraços,

beijos, carinhos, mais, ou menos, íntimos. É um processo que possibilita lidar, saudavelmente, com a expressão das emoções e, ao mesmo tempo, fornece o alicerce para o desenvolvimento da capacidade de amar a si próprio e aos outros. Fornece o alicerce, também, para a alegria de viver. (FIGUEIRÓ, 2009, p. 190-1)

Pensar educação sexual apenas como um processo de conhecimento circunscrito à mera transmissão de informações sobre sexo não favorece as supostas reflexões que se pretende que o educando realize após as aulas de educação sexual.

Porém, o ensino de todos esses conteúdos é apenas uma parte da tarefa, já que educação sexual é um processo mais complexo e vai além de preparar o indivíduo para que aprenda as informações que lhe possibilitem viver bem a sua sexualidade. Tem a ver, também, com a formação do cidadão como participante da construção de uma vivência mais digna da sexualidade, para todos, sendo capaz de ajudar a superar os preconceitos e os tabus, a combater a violência e a opressão sexual e a transformar os valores e as normas repressoras. Tem a ver com educar a pessoa por inteiro, enquanto ser aberto ao relacionamento e a interação humanizadora com o outro. Educar sexualmente uma criança, um jovem, deve ter como meta maior a educação para a felicidade. É tarefa não apenas da família, mas também da escola. (FIGUEIRÓ, 2009, p. 193-4)

Desenvolver a afetividade e os sentimentos parece ser a maneira mais adequada para o desenvolvimento das relações interpessoais pautadas no respeito mútuo.

Para falar a respeito da afetividade, quero iniciar refletindo sobre o desejo de contato, de carícias, que todo ser humano tem desde que nasce até o último dia de sua existência. Ser tocado é o mais potente meio de reconhecimento humano. Gestos, sorrisos, palavras e olhares positivos são também uma extensão do toque, uma forma diferenciada de dizer a alguém que o consideramos importante, que nos interessamos por ele. (FIGUEIRÓ, 2009, p. 194)

Saber expressar os sentimentos também deve ser uma prioridade no processo educativo dos jovens:

Baseada em pesquisas com estudantes da rede pública paraense, Camargo (2005) denuncia que grande número dos alunos tidos como problemáticos é vítima de falhas no sistema educacional brasileiro, relacionadas a não inclusão da emoção nos processos de aprendizagem. (FIGUEIRÓ, 2009, p. 200)

Se o filho/educando sente-se amado, ele terá menos probabilidade de se tornar vítima de homofobia ou de outros tipos de abusos físicos e psicológicos.

Por isso, a grande importância de um núcleo familiar e escolar favorável ao desenvolvimento da afetividade. O respeito à diferença é um tema que deve ser sempre lembrado nas discussões sobre sexualidade.

Desde 2004, o Brasil vem envolvendo-se e conclamando os educadores, além de profissionais de outros setores, como, por exemplo, da Saúde, a comprometer-se com o Programa de Combate à Violência e à Discriminação a Gays, Lésbicas, Bissexuais, Travestis e Transgêneros (GLBTT) e de Promoção da Cidadania Homossexual (CONSELHO, 2004). Assim, para construirmos o respeito à diversidade, precisamos contar com o envolvimento das escolas, pois é sabido que "... tratamentos preconceituosos, medidas discriminatórias, insultos, constrangimentos, ameaças e agressões físicas ou verbais têm sido uma constante na vida escolar de jovens GLBTT. (FIGUEIRÓ, 2009, p. 202)

Segundo Figueiró, a proposta do processo de educação sexual nas escolas deve ter como meta a autonomia moral do jovem.

Finalmente, para alinharmos as considerações que perpassam pelos temas sexualidade, afetividade e educação sexual, temos que considerar a questão do desenvolvimento da autonomia moral, ou seja, do educar nossos alunos para tomarem decisões com responsabilidades e liberdade, a partir de uma visão crítica das normas culturais relacionadas à sexualidade. Eles precisam saber reconhecer quando uma norma é impositiva e cerceia sua liberdade; precisam saber identificar a repressão nas normas que impedem uma vivência saudável da sexualidade. Normas cerceadoras da liberdade são aquelas que ditam regras: "não pode fazer sexo, por aquilo..."; ou: "Faça sexo! Se você não fizer, você é careta!" (2009, p. 203)

A mesma autora acredita que a educação sexual deve estar aliada às questões da ética e da moral; a educação deve auxiliar o educando na compreensão de que ele pode e precisa se autogovernar.

No entanto, só uma educação sexual aliada a uma formação ética e moral – na qual se eduque para a justiça, o respeito, a igualdade e o amor – irá preparar os adolescentes para a autonomia responsável. De forma complementar, todo trabalho de educação sexual necessita estar direcionado, também, para um trabalho formativo de reconstrução de relações igualitárias entre homens e mulheres e entre pessoas heterossexuais e homossexuais, a fim de garantir e dar substância ao desenvolvimento de indivíduos sexual e afetivamente saudáveis. (FIGUEIRÓ, 2009, p. 203-4)

Ao tratar sobre a temática da educação sexual na escola, o educador sexual deve preocupar-se em abordar a diversidade sexual e o respeito ao indivíduo homoerótico como sujeito social legalmente respaldado, como qualquer outro indivíduo.

O fato de ser homoafetivo não pode afetar seus direitos de cidadão. Sabe-se que a sociedade possui seus padrões estéticos, sexuais, dentre outros, no entanto, isso não pode inviabilizar, proibir o indivíduo de viver sua homossexualidade.

...Além disso, tão ou mais importante do que escutar o que é dito sobre os sujeitos, parece ser perceber o não dito, aquilo que é silenciado – os sujeitos que não são, seja porque não podem existir ou por não poderem ser nomeados. Provavelmente nada é mais exemplar disso do que o ocultamento ou a negação dos(as) homossexuais – e da homossexualidade – pela escola. Ao não falar a respeito deles ou delas, talvez se pretenda “eliminá-los(as)”, ou, pelo menos, se pretenda evitar que os alunos e as alunas “normais” os(as) conheçam e possam desejá-los(as). (LOURO, 2007, p. 67-8)

O silenciamento acerca da sexualidade dos(as) educandos(as), na maioria das escolas, provoca ainda mais discriminação àqueles indivíduos com orientação homoerótica, pois estes, ao serem marginalizados pelo silêncio, sentem-se cada vez mais descontextualizados do dia a dia escolar e, conseqüentemente, do convívio social como um todo.

Entende-se que as discussões referentes às questões da sexualidade ainda não ocorrem, efetivamente, na prática educativa no dia a dia. A “nova”

reforma da Base Nacional Comum Curricular desfavoreceu ainda mais o debate sobre as categorias orientação sexual e identidade de gênero, reduzindo o diálogo sobre o tema às ISTs, ao HIV/ Aids, aos métodos contraceptivos e à gravidez indesejada, a um pequeno momento do currículo de Ciências do oitavo ano do Ensino Fundamental.

Especula-se que a inclinação do “novo” currículo é genérica ao falar de diversidade de indivíduos e não de orientação sexual e pretende desencorajar a discussão, desfalcando ainda mais um debate urgente para a redução da discriminação por orientação sexual na escola.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Entende-se, a partir dos relatos mostrados neste trabalho, que o ambiente familiar ainda é um espaço onde as discussões sobre sexualidade não são realizadas, onde a diversidade sexual e de gênero ainda são recusadas, onde as normas heterossexuais são os únicos paradigmas na construção das identificações de gênero e sexual.

Quando as questões da sexualidade aparecem na família, estão ligadas às ISTs e ao HIV/ Aids. Costuma-se atrelar a homossexualidade, por exemplo, ao contágio do HIV/ Aids, a piadas preconceituosas.

O espaço escolar observado caracteriza-se pela grande presença de educandas “desconstruídas”, críticas com relação aos estereótipos sexuais e de gênero vinculados pela maioria da sociedade.

As educandas entrevistadas narraram a diferença das aulas de Sociologia para a compreensão dos fenômenos sociais homossexualidade, gênero, entre outros. Também relataram a presença de educadores resistentes, em suas práticas educativas e discursos, ao entendimento das diferentes orientações sexuais.

O reconhecimento e respeito a outras formas de vivenciar a sexualidade aconteceram com a promoção de diálogos atuais, devidamente embasados, sobre a questão, sem posicionamento pessoal da educadora de Sociologia.

A escola observada destacou-se pela grande quantidade de educandos que não se percebiam heterossexuais e pela riqueza de esclarecimentos possibilitados pelas aulas de Sociologia sobre os assuntos relacionados a sexualidade.

Compreende-se que grande parte dos espaços escolares se caracteriza, ainda, por currículos e práticas pedagógicas que não beneficiam o reconhecimento da diferença como diversidade.

A não aceitação do grupo familiar e da maioria dos sujeitos que constitui a escola não favorece a vivência da sexualidade de forma plena e satisfatória, como deveria ser.

A família, ao rejeitar as discussões relativas à temática sexualidade e negar o fato de existirem outras formas de sentir desejos e afetos, marginaliza os filhos que não se percebem heterossexuais, e a escola, por sua vez, na figura de alguns profissionais, ao tratar de forma desigual estes sujeitos, circunscrevem a vivência da sexualidade e favorecem a intolerância que ocorre cotidianamente nos espaços escolares.

REFERÊNCIAS

FIGUEIRÓ, M.N.D. **Educação sexual**: múltiplos temas, compromissos comuns. Universidade Estadual de Londrina, Ed. Londrina, 2009.

FIGUEIRÓ, M. N. D. **Educação Sexual**: retomando uma proposta, um desafio. 2ª ed. Londrina: Editora da UEL, 2001.

FIGUEIRÓ, M. N. D. **Educação sexual no dia a dia**: 1coletania. Londrina: [s.n.], 1999.

LOURO, G. L. **Gênero, sexualidade e educação** – uma perspectiva pós-estruturalista. 4ª ed. Petrópolis: Vozes, 2007.

WEREBE, M. J. G. **A educação sexual na escola**. Lisboa: Moraes Editores, 1977a.

_____. **Sexualidade, política, educação**. Campinas, SP: Autores Associados, 1998